

Territórios Esquecidos: O sertão das águas na obra de Carlos Barbosa

Joseilton Ribeiro do Bonfim (PPGEL/UNEB)¹

Cantado em prosa e verso, o Rio São Francisco é um verdadeiro milagre de águas que se multiplicam! São estas águas, nascidas no alto da Serra da Canastra, que são conduzidas por entre corredeiras e regatos a caminho do sertão. Um sertão possível e vivo graças ao rio Opará, o rio dos currais, da Integração Nacional, o Velho Chico. Um rio de tantos nomes, de tantas histórias, que aporta no sertão e o transforma no sertão das águas. Ao atravessar cinco estados: Minas Gerais, Bahia, Sergipe, Alagoas e Pernambuco, o rio São Francisco nutre as terras sertanejas, dá-lhes vigor e faz nascer assim o sertão ribeirinho do São Francisco.

Os romances de Carlos Barbosa, falam deste lugar esquecido pela crítica literária: o Sertão do São Francisco, aqui nomeado de Sertão das Águas. Este termo apresenta uma ambivalência semântica, que contrasta com o ideário sertanejo construído ao longo da literatura brasileira de um lugar inóspito, seco, terra de retirantes. A presença das águas do rio pluraliza este lugar, no qual a seca e as águas dialogam, coexistem e promovem existências e resistências. Dentro desta proposta alocamos a produção literária de Carlos Barbosa, que apresenta esteticamente um sertão banhado de rio, e que permite observar essa produção como uma possível rasura ao cânone, e que à margem dos estudos da crítica, possibilita outras representações sertanejas, um tanto que dissidentes com as imagens que foram cristalizadas por muito tempo, a respeito do sertão.

Como embasamento teórico, valeu-se dos textos: *Nostalgias do cânone* e *O não-lugar da literatura* de Eneida Maria de Souza, os quais discutem questões relacionadas com a crítica literária e a formação do cânone literário brasileiro; *Contemporaneidades periféricas: primeiras anotações para alguns estudos de caso* de Jorge Augusto, o qual apresenta reflexões sobre o conceito de contemporâneo, levando em conta aspectos dos territórios, nos quais e/ou sobre os quais as obras são produzidas. Além do texto *A invenção do nordeste e outras artes*, de Durval Muniz de Albuquerque Júnior.

O estabelecimento do cânone literário brasileiro sempre partiu de um ideário branco, heteronormativo, masculino, eurocentrado. Às margens foram colocadas vozes de inúmeros escritores e escritoras, que fora dos padrões estabelecidos, ecoaram seus discursos com resistência, e muitos foram relegados ao esquecimento. Além disso, os estudos literários em inúmeras classificações engessadas criam uma falsa homogeneização de discursos que

¹ Doutorando no Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem da linha de pesquisa 01 - Leitura, Literatura e Cultura da Universidade do Estado da Bahia.

poderiam instaurar a chamada identidade brasileira, advindos de lugares demarcados no eixo Rio - São Paulo e produções de outros espaços marcadas como de caráter regional, local. Não podemos perder de vista, que a literatura é múltipla e as identidades fluídas, podendo sofrer constantes modificações rompendo com as fronteiras impostas e possibilitando novas cartografias.

As águas do São Francisco ao banharem o sertão, nutrem o imaginário do povo ribeirinho dando força às suas crenças, aos seus modos de vida, ao seu existir. As terras banhadas por este rio estão incrustadas em um espaço geograficamente semiárido, com baixos níveis pluviométricos. Entre a seca e as águas, o povo barranqueiro vive em meio a essa dualidade constante e permanente. Um lugar distante dos grandes centros, visto muitas vezes com um olhar estereotipado, lançado de fora para dentro, e que acaba estabelecendo um discurso pautado a partir de um viés eurocentrado, que durante muito tempo estabeleceu as divisões de fronteira partindo sempre de si. Aqui no Brasil, Rio-São Paulo, se impuseram como detentores da brasilidade, e tudo que está longe, são considerados regionais, espaços subdesenvolvidos.

Durval Muniz de Albuquerque Júnior, no livro *A invenção do Nordeste e outras artes*, traça um panorama imagético-discursivo construído ao longo da história para “inventar” o que hoje conhecemos como Nordeste, trazendo junto a ideia de sertão. Para Albuquerque Jr., a conceituação de uma região específica não pode ser construída, unicamente, a partir de uma perspectiva política ou econômica. É preciso, segundo o autor, considerar o percurso histórico de determinado espaço social, que se constrói a partir de múltiplos discursos e o impregna de valores culturais e simbólicos. Em linhas gerais, o autor afirma que os discursos que anunciam uma dada região são produzidos exteriormente a ela, fora do espaço representado, isto é, outras vozes anunciam o que seria peculiar a cada região. Essa exterioridade gera uma visão distorcida e estereotipada, que busca uma homogeneização de características com que se qualificam um determinado recorte geográfico. A tentativa de tornar homogêneo o que se apresenta de forma múltipla cria rótulos, que engessam conceitos e percepções.

O espaço não preexiste a uma sociedade que o encarna. É através das práticas que estes recortes permanecem ou mudam de identidade, que dão lugar à diferença; é nelas que as totalidades se fracionam, que as partes não se mostram desde sempre comprometidas com todo, sendo este uma invenção a partir destes fragmentos, no qual o heterogêneo e o descontínuo aparecem como homogêneo e contínuo, em que o espaço é um quadro definido por algumas pinceladas (ALBUQUERQUE, 2011 p. 35).

As totalidades fracionadas deveriam ser vistas a partir de diferentes perspectivas, cada fragmento revelaria aspectos de algo maior. Mas na prática não é bem assim que acontece,

pois muitas vezes se elege apenas uma parte como representante do todo. As pinceladas que buscaram pintar o sertão por muito tempo, através das artes visuais ou da literatura, promoveram um enquadramento do olhar para a percepção de uma homogeneidade sertaneja que não existe. Tais cristalizações criam fronteiras simbólicas que cerceiam às múltiplas percepções e representações do sertão.

Como dito anteriormente, o Sertão do São Francisco é uma dentre tantas possibilidades de representações do espaço sertanejo, é um sertão banhado de rio! O rio literário que corre pelas páginas de Carlos Barbosa e de tantos outros autores, instaura um novo lugar de enunciação dos discursos sobre o sertão, fazendo com que as visões cristalizadas e consideradas únicas representantes daquele território, sejam ressignificadas. São nessas águas que mergulhamos através dos romances de Carlos Barbosa: *A dama do Velho Chico* (2002) e *Beira de Rio, Correnteza: ventura e danação de um salta muros no tempo da ditadura* (2010). Em seus romances, Carlos Barbosa apresenta o sertão das águas em seus múltiplos aspectos: geográfico, histórico, cultural, social, antropológico e todos eles emaranhados em uma teia narrativa forjada como possibilidade de representação de outro sertão. Um espaço construído de dualidades: a seca e as águas, o sagrado e o profano, a retirada e a permanência, a materialidade e a subjetividade.

Neste misto de idiossincrasias, o sertão do São Francisco se ergue, um sertão feito de gente e suas vivências. Não temos os personagens retirantes, eles permanecem no sertão, pois aqui também é lugar de vida, de permanência. São nas margens do São Francisco, que Estes seres de papel, são atravessados pela existência, ao tempo que fazem suas travessias: Daura de *A dama do Velho Chico*, e Gero de *Beira de rio, correnteza*. Estes dois protagonistas, partilham conosco suas trajetórias e nos imergem em um território de dualidades que revela que os espaços se constituem para além suas condições físico-geográficas, eles se fazem por e na ação do homem que o habita, se transforma pela ação do tempo. Isto posto, nos questionamos: por que essas obras estariam fora do cânone literário brasileiro? seria de fato a obra de Carlos Barbosa contemporânea? Mas o que é contemporâneo?

Perambulando por essas terras do vale, Carlos Barbosa nos seus romances apresenta um rio de forte representação simbólica, construindo imagens que evidenciam a presença da água no sertão como um elemento propulsor de novos olhares para este espaço. Barbosa ao entrelaçar dados históricos, geográficos e socioculturais aos elementos narrativos, evidencia a força dos enredos. Daura e Gero, os protagonistas de ambos romances, representam os sertanejos que na labuta diuturna sonham, percebem a realidade que os envolve com outro

olhar, um olhar mais profundo. A água ganha conotações que ressignificam o espaço que outrora sempre seco, se nutre, e é representado de forma plurissignificativa.

Em *Nostalgias do cânone*, Eneida Maria de Sousa faz uma reflexão importante no que diz respeito à constituição do cânone brasileiro, e aborda uma possível crise diante da mudança de paradigmas estéticos. Segunda a autora, os movimentos identitários ligados às minorias estabeleceram novos parâmetros para legitimação literária, desvinculados dos postulados canônicos impostos pela crítica, que estabelece a partir de seus critérios o que seria e o que não seria literário. “Etnias, gênero, sexo, aliados à defesa da pluralidade discursiva e da quebra de hierarquias valorativas, contribuem para a criação de novos lugares de enunciação, consequentemente, para distintas práticas de sustentação dos distintos polos culturais” (2019, p.88).

Durante muito tempo, os enunciadores da literatura partiam de lugares privilegiados, e que detinham poder em estabelecer os critérios “classificatórios” das produções literárias, colocando à margem, diversos autores e autoras, justamente por conta dos seus lugares de enunciação. O deslocamento do centro irradiador de saber, eixo Rio-São Paulo, deu visibilidade a inúmeras produções que estariam fora dos grandes polos culturais e que agora se estabelecem como outros polos. É preciso se considerar que existe essa pluralidade discursiva e que tais discursos ao serem pautados, possibilitam outras representações

No transcorrer do tempo, as artes de forma geral, produziram muitas formas de dizer o sertão! Algumas delas, carregadas de estereótipos – Sertão como *lócus* da miséria e do atraso –, o Sertão seria o território em que predomina o clima seco e cujo habitante – “antes de tudo um forte” – é capaz de resistir às intempéries da natureza e do tempo implacável. Essa perspectiva ossificada e engessada do homem e do espaço se estende também para o campo cultural, o que permite afirmar-se a região como espaço e centro de imutáveis produções folclóricas, vistas como tradições jamais inalteradas. Longe da cultura hegemônica das grandes cidades, as produções culturais nordestinas são menosprezadas, tidas como menores, produzidas por pobres retirantes. Algumas vezes, essas produções culturais chegam a ser vistas como manifestações exóticas e pitorescas.

Fazendo um contraponto a essa visão estereotipada, percebemos que os romances de Carlos Barbosa apresentam um Sertão para além de mero repositório folclórico. Na apresentação dessa região ribeirinha, o autor busca apoio na Geografia, nos mitos e no registro histórico, tudo isso costurado por uma linha ficcional que apresenta dramas humanos, situações de entrelaço oriundas de desencontros amorosos, ressentimentos enraizados e

ciúmes doentios. Aqui, percebemos o Sertão numa perspectiva existencial, já que ele é o espaço em que se vivenciam cenas dramáticas

Retomando o texto de Eneida Maria de Sousa, o estabelecimento do cânone, valeu-se de historiografia, marcada por períodos bem demarcados, com características classificatórias, aprisionando as produções literárias em caixas conceituais limitantes. Atualmente, com multiplicidade de suportes e possibilidades discursivas tal classificação não mais se aplicaria, uma vez que deixou-se a busca constante pela homogeneidade literária, e o que vemos hoje são múltiplas formas de enunciação. Dando voz a quem durante muito tempo foi calado, apresentando espaços que foram esquecidos, invisibilizados.

Se antes a certeza conceitual servia para endossar o discurso dos manuais de literatura, fechando os ciclos temporais e inaugurando outros cânones, hoje o valor estético é colocado em xeque, graças ao deslocamento dos referentes que compõem uma determinada cultura.

Se os movimentos literários perderam, na atualidade, a sua eficácia e os ismos caíram em desuso, isso se deve à transformação sofrida pelos discursos artísticos das últimas décadas, em que se viram abaladas as genealogias e deslocados os centros de referência cultural. (2019, p.86)

O Sertão do São Francisco, apresentado nas obras de Carlos Barbosa, mostra-se como uma possibilidade de ressignificação, pois o espaço não é descrito, não é construído de maneira isolada, repesada, em separado. À medida que se mostram as condições físicas geográficas, são expostas as vivências de personagens que ganham voz e são autores de suas próprias histórias. Nesta conjuntura do ideário sertanejo, percebemos que este rompimento de fronteiras se faz para que se constituam novos territórios de identidade, forjados a partir dos parâmetros culturais ali firmados, para que as visões estereotipadas do Sertão sejam repensadas.

O romance *Beira de rio, correnteza* traz a dialética entre as águas calmas, plácidas (beira de rio) e o movimento intempestivo, indomável (correnteza). É nesta dualidade fluída que toda a narrativa se tece. Esse comportamento dúbio com o qual as águas são apresentadas revela a sua simbologia de vida e morte, capaz de conduzir aos recônditos abissais e à serenidade dos lagos. A partir disso Barbosa busca no sertão ribeirinho imagens e elementos que expressem essa dualidade. A realidade de Bom Jardim era marcada pela divergência de alguns elementos: “Bom Jardim conhecia apenas duas estações: a seca e as águas; o rio no caixão e o rio subindo o barranco; penúria e fartura; [...] Assim era: beira de rio e correnteza, aprumo entre vida e morte, as constância do lugar” (BARBOSA, 2010, p. 13).

A seca enquanto a ausência ou a escassez de água é o símbolo da morte, da miséria. O nível do rio baixava ficando este no “caixão”, um cenário de penúria que judiava daqueles ribeirinhos. A estação das águas é símbolo de vida, a caatinga se veste de verde, o rio renova suas águas e sobe o barranco. Aquele cenário seco se altera e o povo desfruta da fartura proporcionada pelas águas. E essas águas ao tempo que fazem contraponto com a seca, podem também ser vista como elementos duais.

Nesta perspectiva notamos que o rio e a correnteza são apresentados no romance como seres divergentes, deixando revelar mais uma vez a dualidade da água enquanto símbolo ora de vida, ora de morte. “O rio trazia vida, sempre. A correnteza levava vidas. O rio propiciava riquezas. A correnteza as destruía. O rio era o caminho, a correnteza era a perdição. O rio era abençoado, e a correnteza, proibida” (BARBOSA, 2010, p. 21). Rio e correnteza são apresentados como seres divergentes. Enquanto o rio trazia vida, por molhar as terras castigadas pela seca, a correnteza levava a vida daqueles aventureiros, que algumas vezes resolviam desafiar a força das águas.

Gero, conhecia a força da correnteza. Ela era imprevisível, alterava sua velocidade de acordo com o volume de água do rio. “A correnteza possuía qualidades de mando; imperiosa, manhosa de caprichos curvilíneos e redemoinhados” (BARBOSA, 2010, p. 20). A correnteza arrastava tudo à sua frente, barrancos, casas, árvores e animais. Somente a seca era capaz de amansar suas forças, mas ela não desaparecia por completo, tinha poderes “encantatórios e arrastantes”. Era traiçoeira, esperando descuidos para levar vidas. “[...] muitas alminhas se desgarravam de corpos que, no repentino de um escorrego nos arrecifes limosos ou na lama do fundo, desequilibravam-se e eram tomados pela até então insuspeitada e ausente correnteza” (BARBOSA, 2010, p. 21).

Não se pode perder de vista que ao trazer essa discussão, não queremos criar novas classificações, como se fosse possível colocar a literatura em pequenas caixas e achar que tais características seriam comuns a um grupo de obras que é muitas vezes plural e diverso. Tais classificações muitas vezes são heranças do processo de colonização que estabelecia uma relação de dependência entre o poder hegemônico e os colonizados. Tudo que adivinha da metrópole colonizadora era visto como superior, como melhor e o que era produzido nessas terras era colocado como pequeno, como irrelevante.

Tal classificação é feita levando-se em conta a divisão geográfica, que ao traçar as fronteiras, acaba por delimitar regiões centrais e periféricas, regiões desenvolvidas e subdesenvolvidas, regiões hegemônicas e não-hegemônicas. Isto posto, é preciso se pensar que a literatura ou melhor a crítica literária acompanha essa delimitação fronteiriça, e tenta

“encaixar” a literatura. Quando essa “classificação” acontece acaba se estabelecendo uma certa nivelação dos textos literários: os produzidos nas consideradas regiões centrais, carregaram o signo da identidade nacional; já os textos que são produzidos nas regiões periféricas, distantes do centro, carregam a marca do regional, e trazem junto com ela os estereótipos de uma região “atrasada”, “subdesenvolvida”, “terra de retirantes”.

Como podemos ver, as classificações são perversas, pois relegam ao esquecimento obras que retratam espaços distantes dos grandes centros. Vale ressaltar, que não fazemos aqui uma abordagem meramente panfletária, reivindicando que a literatura do Vale do São Francisco ocupe um lugar também na cena literária brasileira. Pretendemos, contudo, questionar as fronteiras estabelecidas, sem perder de vista que territórios menores integram o nosso país e consequentemente a nosso continente, e que as vivências humanas, as construções culturais e literárias produzidas em diferentes espaços devem ser consideradas como partes integrantes de um todo mais abrangente. A falsa unidade, a frágil homogeneidade proposta pela crítica, é uma tentativa de compartimentar algo que é diverso, integrado de muitas partes.

Em linhas gerais, em *O não lugar da literatura*, Eneida Maria de Sousa apresenta reflexões nos que diz respeito a um abalo sofrido pela crítica literária, sobretudo com o advento dos estudos culturais, que questionam o lugar fixo do discurso literário, utilizado muitas vezes como lugar privilegiado. Além disso, os critérios utilizados para a legitimação das produções literárias, estariam circunscritos em parâmetro eurocêntricos e tudo o que fugisse desses padrões, ficaria fora do “olimp” literário. A autora chama a atenção para a posição elitista da crítica que ao estabelecer os critérios classificatórios, entre “a alta e a baixa literatura”, leva em consideração um possível poder de classe, ou seja, através desses critérios, a alta literatura seria aquela produzida pela classe hegemônica, no eixo rio-são Paulo. E toda a produção que fugisse desse padrão, seria a baixa literatura, produzida pelas periferias, discursos enunciados das margens.

Tem sido ainda grande o esforço da crítica em nomear os discursos que não se enquadram nos critérios da crítica em nomear os discursos que não se enquadram nos critérios da alta literatura, escolhendo-se, entre vários termos, ora o de paraliteratura, de contra-literatura, ora o de literatura parapolicial, correndo-se sempre o risco de uma classificação equivocada (SOUSA, 1998, p. 16).

A literatura não tem lugar para ser submetida a classificações limitantes. E é preciso ter cuidado que ao propor um estudo sobre o sertão das águas, não queremos criar mais uma caixa classificatória. Mas, pretende-se lançar um olhar sobre as produções literárias de Carlos Barbosa, com o intuito de problematizar a sua inserção nos estudos literários e culturais como

constructo literário que permite enxergar outros espaços, outras representações que por vezes foram desconsideradas pela crítica, pela historiografia. Assim, o sertão das águas se constitui como um espaço propulsor de identidades, uma rasura que fora do cânone literatura brasileiro, evidencia um lugar antes de apagamento.

Assim, o estudo dos romances de Carlos Barbosa, nos possibilita a percepção da existência de um determinado espaço, o sertão das águas, que embora possa ser geograficamente localizável, ele se apresenta para além de seus limites geográficos, uma vez que, as fronteiras estabelecidas cartograficamente, são rompidas, ao se considerar a existência de múltiplas identidades que compõe o sertão, não sendo possível aprisioná-las em um recorte bem definido no mapa. Assim, não se pode perder de vista que o mundo sertanejo existe, e não deve ser ignorado, mas trabalhado como matéria de “ficção pluridimensional”. Sob tal perspectiva, deve prevalecer a forma como o espaço, em sua condição geográfica e simbólica, define as relações sociais e humanas.

A prosa romanesca de Carlos Barbosa tem como cenário um rio que outrora, vigoroso, era a estrada líquida a ligar o sul e o nordeste e hoje se encontra ferido de morte. A grandiosidade das águas do São Francisco é evidenciada por Barbosa pelo registro da saga dos vapores, grandes navios de água doce que por mais de um século sulcaram as águas ancestrais do velho rio. Em *A dama do velho Chico*, a presença do vapor é intensa. A navegação aparece no romance desde seu apogeu: quando a chegada de um vapor no porto mudava os ritmos do lugar, tirando os ribeirinhos de suas práticas cotidianas para vislumbrarem a presença majestosa dos grandes barcos do São Francisco. Ao longo da narrativa a supremacia dos vapores é abalada com a degradação do rio e a gênese das barcas a motor e a chegada das estradas de rodagem.

O sertão construído por Carlos Barbosa se revela nas travessias de Daura. É na imaginação da sertaneja que se dá nosso primeiro contato com o universo do sertão. À beira do rio, perdida em seus devaneios, a sertaneja constrói um mundo imaginário, que pouco a pouco nos coloca diante do mundo sertanejo, transformado em literatura. O primeiro capítulo do romance se inicia com a descrição da imaginação de Daura: “Daura imaginou um vapor na curva do rio. A proa escura, a cabine alva do piloto no alto, as luzes a pontilhar o contorno do barco, a chaminé suja brotando lentamente por detrás do pontal da ilha do Barreiro. Uma estranha invasão férrea a perturbar a paragem” (BARBOSA, 2002, p. 11).

Ficamos diante dos primeiros aspectos do sertão ribeirinho: a presença do vapor e do rio. Esses dois elementos se tornam presença constante na narrativa. Aqui vemos a primeira travessia de nossa dama: do “real” ao imaginário. O vapor enquanto elemento presente tanto

no sertão “real” como no sertão ficcional, é transportado para os pensamentos de Daura como elemento desejado e idealizado. Essa idealização perpassa o espaço do romance e se estende ao sertão que ele deseja representar. Uma vez que o fascínio despertado pelos vapores é constantemente relatado por ribeirinhos que viveram na época do apogeu desses grandes barcos.

Diante de tudo isso, nos questionamos mais uma vez: Seria a obra de Carlos Barbosa contemporânea? Para este momento da discussão, veremos uma abordagem sobre contemporâneo apresentada no texto: *contemporaneidades periféricas: primeiras anotações para alguns estudos de caso* de Jorge Augusto Silva. O autor apresenta uma série de reflexões a respeito da conceituação de contemporâneo e traz com muita maestria uma abordagem que relaciona o conceito para além de sua relação com o tempo, mas como o contemporâneo está pautado também em uma noção de território. Neste sentido, é preciso compreender qual a ideia de espaço, território o autor utiliza.

Não se trata, pois, da noção de espaço propriamente dita, mas espaço como lugar de uma produção semiótica dos sujeitos e suas subjetividades. Essa definição é operativa, na medida que torna lugares insuspeitos como um terreiro, ou uma aldeia, um bar, ou uma penitenciária, num território de produção das contemporaneidades periféricas (SILVA, 2018, p. 40).

Não sei bem se compreendemos a noção de território empregada pelo autor, mas nos valemos desta reflexão para incluímos dentre esses lugares insuspeitos, o sertão das águas. Visto que, o compreendemos como território de forte construção indetentária, que deslocado dos centros hegemônicos, torna-se espaço integrado e integrador de subjetividades, muitas vezes subalternizadas. É importante destacar que ao longo dos romances estudados, muitas vozes se levantam para narrar a história, criando possibilidades interpretativas e revelando um mosaico subjetivo a respeito de um mesmo espaço-tempo. Nas margens do São Francisco, o povo barranqueiro é colocado no centro das narrativas de Barbosa com suas rezas, cantos, suas manifestações populares, seus costumes, sua relação com o rio, com as memórias, com o sobrenatural.

Nesta perspectiva, percebemos que quando se considera apenas o tempo na representação literária, cria-se uma falsa ideia de homogeneidade, coloca em choque a pluralidade do espaço nacional. Dentro desta estratégia narrativa, Jorge Augusto Silva, chama a atenção para a alocação dos espaços periféricos dentro da lógica hegemônica, que não só considera o que difere do centro, se estiver “alocado no passado, como glorioso, original ou tradicional, mas jamais como contemporâneo” (SILVA, 2018, p. 42). O sertão das águas, não é aqui, o espaço que guarda a identidade nacional, pautado pelos românticos, nem tão pouco o

espaço da fome e dos retirantes, engendrado pelos romances de 30, mas uma possibilidade de apresentar o sujeito em outras relações com o espaço sertanejo.

Em nossas reflexões, temos consciência de que alguns aspectos poderiam ser explorados de forma mais contundente e aprofundada, mas salientamos que o que nos propomos aqui foram discussões iniciais, que serão aprofundadas ao longo da nossa pesquisa. Vale ressaltar contudo, que a proposta deste artigo, proporcionou um olhar outro para nosso objeto, especialmente no que diz respeito à compreensão do conceito de contemporâneo para além da noção de tempo. É no território que as vivências acontecem, é onde as relações são estabelecidas e que de alguma forma o tempo é construído.

Desta maneira, podemos concluir que, ao considerarmos o sertão das águas como um território esquecido pelo cânone e a crítica, este é posto à margem do discurso hegemônico, mas em sua constituição é culturalmente tensionado e rompe as fronteiras estabelecidas. Subordinar as diferenças e pluralidades através da cristalização de conceitos é se colocar sob os jogos de poder que a todo custo invisibilizam identidades, manifestações culturais e produções literárias, em virtude de se constituir territórios unos e singulares. Os olhares unificadores, colocam à margem uma série de produções literárias que versam, e são produzidas em espaços considerados periféricos ou distantes dos grandes “centros irradiadores” da cultura. Ao considerarmos a produção romanesca de Carlos Barbosa constatamos que este território esquecido, está repleto de grandes histórias, de fragmentos completos de nossa identidade; produções literárias que foram colocadas à margem, mas que retratam nossa gente em suas múltiplas facetas identitárias.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval M. de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BARBOSA, Carlos. **A dama do Velho Chico**. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2002.

BARBOSA, Carlos. **Beira de rio, correnteza**: ventura e danação de um salta-muros no tempo da ditadura. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2010.

SILVA, Jorge Augusto. Contemporaneidades periféricas: primeiras anotações para alguns estudos de caso. **Contemporaneidades periféricas**. Salvador: Editora Segundo Selo, 2018. (p. 31-66).

SOUZA, Eneida Maria de. O não lugar da literatura; Nostalgia do Cânone. **Crítica Cult**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.